

Diario de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
 Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
 ADMINISTRAÇÃO (Rua da Rosa, 57, 2.
 Telefone: 1470 G.
 Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
 SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENAASCENÇA GRAFICA**
 Edificação, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
 TELEFONES: Direcção: G. 3185
 Edificação: G. 3184
 Endereço telegrafico: DIBOA

PUBLICAMOS hoje o ultimo artigo, devido á pena brilhante do sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira, sobre a *Organização dos Serviços Públicos*.

Esperamos que, daqui a dias, ele se digno honrar o nosso jornal com colaboração do mesmo valor.

Embora nós conheçamos a elevação do seu espirito e o desinteresse do seu caracter, não faziam quem quizesse desvirtuar o significado das suas palavras, sobretudo agora que ele se encontra num dos quartos particulares do governo civil.

Manda a verdade que digamos isto—o sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira é um homem que responde desenfadadamente pelos seus actos, sem recio de deffrontar-se seja com quem for.

O *Diario de Lisboa*, que sempre viveu e que viver forá dos partidos e das paixões da nossa terra, continuará a manter-lhe fiéis as suas columnas para tudo o que seja discussão levantada dos problemas nacionais.

A mesma franquesa praticaremos para com todos os que escrevam animados do igual pensamento.

Não tendo nós o proposito de retirar castiões do assador da nossa politica, sem queimar os dedos—como fazem tantos rapazes corajosos que nós muito admiramos pela ligeireza dos seus dedos—apressamo-nos a declarar, sem recio de qualquer desmentido, que somos sem macula nas bulburdrias havidas e por haver, em Portugal.

Esta declaração endereçamo-la ás pessoas que, em mais de quatro anos de labor jornalístico nas columnas do *Diario de Lisboa*, nunca viram em nós senão um homem que só é violento quando a violencia corresponde a uma desaffronta.

MARIA Anna Accioli Tamagnini, que visitou demoradamente os países do Extremo-Oriente e com inspirados olhos de artista, publicou um volume de versos intitulado *Lin-Tchi-Fá, Flor de Lotus*.

A edição, que é esmeradíssima, trás um belo desenho a cores da autora.

Depois de Antonio Feijó, que escreveu o *Cancioneiro Chinês*, é este, certamente, o livro que nos dá uma visão mais nitida da terra de maravilhas, onde os europeus, sob a forma elegante do exotismo, buscam renovar as suas sensações.

O **NOSSO** estimado colaborador dr. Candido de Figueiredo publicou, em favor da lingua portuguesa, na Livraria Classica Editora, um novo livro—*Combates sem Sangue*, que deve ser adquirido por todos os que presam a pureza e o genio da nossa lingua.

O **DIARIO DE LISBOA** publicará, num dos proximos numeros, um trecho da aplaudidissima conferencia que o sr. dr. Magalhães Colaço fez na Associação dos Advogados.

NA Escola 86 (ao Calvario) realiza-se, amanhã, pelas 14 horas, uma festa infantil com um programa interessantissimo—musica, canto, dança e recitação.

REALIZA SE hoje, no Salão do Conservatorio, pelas 21 horas, a ultima prova das alunas do distincto professor de piano sr. Marcos Garin.

Serviços publicos

Para que a transformação politica de um país não seja meramente formal, é necessario que seja acompanhada da sua transformação administrativa, economica e financeira.

—E', por isso, que todas as mudanças de regime, ou de sistema governativo, que modificaram, de facto, as condições politicas do meio, assentaram inicialmente na reorganização dos serviços publicos. Assim foi na implantação do regime monarchico-constitucional em 1834, que se consolidou menos pela força das armas do que pelo poder construtivo de Mousinho da Silveira—(Alexandre Herculano, «Opusculos»), em 1836 com a renovação de Passos Manuel, em 1852 com a reforma de Fontes Pereira de Melo, em 1861 com a tentativa do Bispo de Viseu e em 1892 com a honrada administração de José Dias Ferreira. E foi o desconhecimento ou menosprezo deste ensinamento elementar uma das causas primarias da falencia do regime republicano, tal como foi implantado em 1910.

—Não quer este dizer que nós confiamos toda a esperança da nossa regeneração ao poder exclusivo das leis, ou á montagem duma nova organização juridica.

Quere dizer que, por mais poderosos que sejam os recursos dum país, ficam desaproveitados ou vêm a tornar-se insufficientes, sem um bom mecanismo administrativo, com normas criteriosas, bons funcionarios, e processos simples, rapidos e adequados.

—Não é bem exacto o illustre professor dr. Magalhães Colaço, quando, na sua allias brilhante conferencia, aponta como um dos vicios dos portugueses a sua confiança no poder illusorio das leis.

Pelo contrario, essa incessante aspiração de quasi todos nós, para que haja leis sabias, completas e eficazes é uma qualidade instrutiva que revela uma tendencia para o aperfeiçoamento.

—E' que as leis devem ser uma simples coordenação dos interesses sociais dum país, interpretando as necessidades nacionais nas suas fontes genuinas, procurando, enfim, proteger o «substratum» dum modo de ser intelectual e moral dum povo.

Por isso mesmo uma reorganização administrativa deve atender ás tradições nacionais, estabelecendo uma transição gradual entre o velho e o novo sistema.

Neste sentido, podemos distinguir na administração central seis funções, que correspondem ás necessidades primordiais do Estado, e são desempenhadas pelos seguintes ministerios:

- Ministerio da Governação Geral.
- Ministerio da Economia Nacional.
- Ministerio das Finanças Publicas.
- Ministerio da Segurança Publica.
- Ministerio das Relações Coloniais.
- Ministerio das Relações Internacionais.

Por esta organização os serviços de justiça e o recrutamento do seu pessoal, caberão exclusivamente ao Corpo Judiciario, cuja independencia nos varios sistemas representativos não tem passado até agora duma ficção constitucional.

Dias Ferreira

A "NOBRE ARTE,"



—E se o senhor se dedicasse ao «box»? Não seria uma grande ideia?..

MARGARIDA Lopes d'Almeida realiza amanhã, pelas 16 horas, no teatro de S. Carlos, o seu recital de poesias portuguezas e brasileiras que prometo ser brillantissimo, e ao qual assistirá o sr. Presidente da Republica.

A distinctissima *disserte* será apresentada pelo escritor dr. Manuel de Sousa Pinto, professor da cadeira de *Estudos Brasileiros* nas Faculdades de Letras de Lisboa.

Damos a seguir o programa, que abre, como homenagem a Portugal, por um soneto de Camões:

I parte—Camões, soneto; Machado de Assis, «A Mosca Azul»; João de Deus, «O Diabheiro»; Raimundo Corrêa, «Horizontes»; Conde de Mossoró, «A Patetudam Piriam»; Luiz Delfino, «As Três Irmãs»; Alphonsus de Guimarães, «Smaltia»; Olavo Bilac, «Benedicite»; «Maldicção».

II parte—Augusto Gil, «Balada da Neve»; Ribeiro Couto, «O Desejo da Mão»; Guilherme de Almeida, «Esta Vida»; Augusto de Lima, «Vacos»; Manuel Bandeira, «O Sítio»; Afonso Lopes de Almeida, «Versos de um apaixonado»; Bastos Tigre, «Pontos nos lábios»; Julia Cortines, «Terra Ideal»; Martins Fontes, «Religioso»; Olegario Marinho, «Matutando».

III parte—Cardoso do Oliveira, «A Terra e a Vida»; Vicente de Carvalho, «Equinocio Marto»; Filinto de Almeida, «Bem-te-vi»; Julia Lopes de Almeida, «As Rossas» (conto em prosa); Afonso Lopes Vieira, «Dança do Vento».

COMEÇOU hoje, no gymnasio do Liceu Camões, o Congresso do P. R. P. E' um acontecimento cheio de importancia e do qual depende, em grande parte, toda a nossa politica.

Ha no seio do P. R. P. duas correntes contrarias que têm resistido aos meios sussorio, apesar de empregados, algumas vezes, por pessoas do maior prestigio e preponderancia.

Será possivel descobrir nas discussões e votações do Congresso uma solução que as reduza ou as neutralize?

Se tal se der, bom será, visto que uma das causas principais, senão a principal, da nossa demorada crise está no facto de os dirigentes do P. R. P. não se entenderem para a fixação dum largo programa de reformas e medidas, cuja execução devia ser prosseguida sem hesitações.

Aguardamos os frutos do Congresso para nos pronunciarmos.

Entretanto, fazemos votos pelo seu pleno exito.

O **CONSELHO** de ministros, na sua reunião de hoje, analysou a concessão para a execução das obras do porto do Funchal e sua exploração, reconhecendo a necessidade de serem estudadas algumas modificações a introduzir-lhe, a fim de poder ser aprovada.

Concordou em que o Ministerio da Agricultura fornecesse a lenha necessaria, nos termos da lei, para garantir a laboração da fabrica de vidros da Marinha Grande, tendo sido tambem discutidos outros assuntos de administração.

CONTINUA preso na fragata *D. Fernando*, até serem ultimadas as investigações, o capitão de mar e guerra sr. João Manuel de Carvalho.

DEVE chegar hoje a Tanger a Divisão Naval Colonial.

CRONICA

Tauromaquia

Veiga (filho) em Madrid

Simão da Veiga (filho) deixou bom cartel em Espanha e a sua inclinação na corrida do Monte Pio de toureiros foi recebida com entusiasmo...

No seu segundo, quinto da corrida e do mesmo pelo anterior, sac Veiga com a negra casaca dos nossos cavaleiros e o tricrónico emplumado.

Repete com dois «rejoncillos» sendo perseguido do segundo em «gallo» largo, que são aplaudidos.

Encerrou em taboas de um par de banderilhas enorme, provocando franco entusiasmo. Sempre só, dada a pouca intervenção que o público exige de Coelho...

Marcial Lalande, de rosa bordado a ouro, provou nos seis touros de Vicente Martínez a sua arte de enorme dominador, lançando admiravelmente de capote, banderilhando estupendamente, muleteando com inteligência e matando esteve afortunado e «descabellando» breve.

El Terrible Perez

A exploração de grandes «films»

Inicia-se em Lisboa no proximo dia 11 e nos Politeamos de Orléans a exhibição de «films» de grande metragem que ultimamente no estrangeiro conseguiram um exito assustante.

CARTAZ TEATROS
1. Carlos - A's 9m 2m3, Mini Augusta, «Una Yankee en Paris»
2. Triandá - A's 21 15 - Mercedes de Douradas
3. Luis - A's 21 30 - Chic (bis) - Mercedes Seró

Os homens carrascos de corações a sua psicologia e as suas fraquezas

Ful encontrou-a estendida na sua «chaise longue» recostada entre macias almofadas roxas de cujos cantos pendiam borlas douradas e entre as quais se esbatia a palidez do seu rosto...

Assuete-me. E a minha interrogação ansiosa apontando-me junto do si um elegante tamborete donde muito do perfo ouvia, quasi um sussurro, a sua voz dorida...

E para quê, Senhor do Ceu? Que grande problema, meu, tão intrinsecamente ocupada de mim, só de mim com tanto desprezo pelo amor dos homens — por o que lhe falta de delicada sensibilidade — não podendo compreender essa especie de animações em cujos corações passam os sentimentos como «ira e sangue» — Frios e irresponsáveis carrascos de corações! — Eu, que só lhes queria como bons amigos, admirando-os quando intelectuais ou valentes — suas unicas superioridades — rindo-me sempre da banalidade de uma e da astucia de outros; sabendo de certeza que nenhum poderia corresponder ao meu ideal, que a todos faltaria sensibilidade para compreender a minha alma. Eu, que me orgulhava da minha indiferença por todos eles, hoje, sóbro atrozmente por um homem; — sinto-me humilhada.

Tinham-me contado da sua vida coisas excepcionais e tragicas que a fantasia de diferentes pessoas teria aumentado a ponto de chegar-me até mim com sideralmente exageradas, perturbando o meu sentimentalismo, e fazendo dele um ente superior pelo coração — que a minha imaginação elevou, dando-lhe, com uma terra simpática, um lugar à parte.

Assim se passou muito tempo. Quiz, porém, o destino que nos encontrassemos e que um capricho de occasio o aproximasse de mim.

Despertou-me então um sentimento que eu julgara morto para sempre. E passou a ser toda a minha vida feita nua fantasia, acurilhado pela minha requintada sensibilidade.

Emprestara-lhe uma alma idealizada por mim, á medida dos meus desejos, irmã gêmea da minha.

E, junto dele, senti-me sem vontade propria. Deixei-me iludir como uma adolecente, enlevada naquilo que eu julgava ser a delicada excellencia da sua coração, a doce elegancia da sua alma.

Não me passou pela ideia duvidar da sua sinceridade, da idoneidade das suas palavras, do seu respeito por mim. Junto dele esqueci tudo: os meus conhecimentos de psicologia masculina, a minha premeditada desconfiança, os juramentos feitos a mim mesma; enfim, todas as minhas pretensões.

Pouco depois, soube que tudo me mentira, as suas palavras, a sua attitude, o meu proprio instinto — tudo me mentira!

Reagi: fiz quanto pude para me desvair, até fôrtil; Esforcei a minha energia numa esforço supremo.

Mas o meu orgulho sobossobrou: — aqui me tentu tu esmagada por um desgosto que me quebrou os nervos, me oprimiu o coração e me incendeou a alma.

Frairaps que nós sômos! Nunca quiz mal a ninguém — nunca! — mesmo aqueles que maior mal me têm feito só me inspiraram desprezo.

Mas, se naquele momento me tivessem vindo dizer: «eu morreu — eu teira perdido — Ainda bem!»

E tanto a consolação de sentir — uma convicção instintiva — que mulher me nhuma lhe querera sinceramente. E assim... e assim será sempre!

A inferioridade dos homens? Vá tu? Eu, a mulher, fraca, sugueia a todos os perigos, dependente de uma situação moral, elevada pela grandeza do meu sentimento, guiada pela minha impressionável sensibilidade, meu nobre movimento de abnegação sacrificava-me, tudo, calcaria os pés, por ele, devotava vontade, orgulho, ideais; tudo! Enquanta ele, o homem, forte, senhor absoluto de uma situação, podendo tudo, era troca da grandiosa fraqueza da minha alma, do alto sentimento do meu coração, da delicada ternura com o que distinguia, me iludia.

E, framente, e sem mesmo usar da menor galanteria, a tirou-me, de alto, com o mal delicado sentimento da minha alma, a mais doce ternura do meu coração.

Lembrei então á minha amiga que para merecer o amor de um homem, ou sequer o seu interesse, era condição essencial não gostar dele.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem annos a nos se enhoras: Baroneza de Paço de Sousa, D. Maria Augusta de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), D. Eugénia Malhada Sclano de Mendonça Queiroz, Alexandrina de Moraes, D. Maria de Jesus, e Missas Barbosa de Arzedo Beuben de Meizes, D. Maria do Carmo Viterbo e D. Maria Isabel Arrico de Barros, etc etc.

E o sr.: Francisco José Maria Gomes de Albuquerque, E depois de amanhã se enhoras: Viscondessa de Godim, D. Guilhermina de Varenas, D. Ludovica Viana Pinto Coelho, D. Maria Eudéa Cecilia Rebelo de Andrade, D. Maria Eudéa de Mota e D. Mary Ana de Andrade Bastos Ruyton, etc etc.

D. Antonio Queiroz de Bragança, D. Antonio Luiz de Freitas de Lancastre (Luz), Henrique de Castro Coutinho, Nicolau de Goyri O'Neill e Alexandre Maria de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), etc etc.

A Caridade

A Opereta «Tonio» A illustre comitiva organidora da encenadora de caridade que se realizou no Salão Nobre da Liga Naval Portuguesa, ao Calhar, a annunciada festa de caridade, por uma comissao de senhoras D. Ana Teles da Silva (Tarcuca), D. Beatriz Pinto de Menezes Sarmento, condessa dos Azevedo, condessa de Castro, S. Maria Tereza Campa da 15 h. D. Janna Teles da Silva (Aracua), D. Luígera Empis e D. Maria de Arrozadas e Menezes.

O programa da festa é o seguinte: I - Cantata, II - Peste, III - Celebração, Sr. Mario de Aguiar; II - Verso, D. Gertrudes de Carvalho; III - Solo de violão, D. F. Berné; IV - Cantata, D. Laura Fels Ferreira.

II - Cantata, D. Maria Candida Parreira; III - Cantata, D. Maria Tereza Campa da 15 h. D. Luiz Reis; IV - Solo de violoncello, João Passa; V - Cantata, D. Celeste Gardé.

VI - Cantata, D. Olimpia Vanderyll; II - Cantata, Eduardo Moreira; III - Piano, D. Beatriz Coelho; IV - Verso, D. Olivia Guerra; V - Fado á guitarra, pelo Sr. Aquilino Fortes.

A noite de amanhã, na Liga Naval, vai decerto marcar-se pela elegancia, pois os bilhetes estão tomados pelas principaes familias de nossa melhor sociedade.

Recta elegante

Em S. Carlos Assistente elegante de entem á 1.ª recita da grande artista Mini Aguiar.

Madame de Labra Carvajal, D. Maria Isabel Perestrelo Orrey Correia de Sampaio (Castelo Novo), D. Jacinta Aires de Carvalho Leão de Silveira (Albino), D. Maria Isacra Cabral Monçada do Casal Ribeiro de Carvalho, D. Felicitas Paçol, D. Maria Cordeiro Requele de Campos Henriques, D. Maria Augusta de Moraes, D. Suzana Aires de Castro, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramal, D. Maria do Carmo Aires de Carvalho (Bento), D. Maria de Castanheira Paçol de Castro, D. Ana Moreira de Carvalho e filha, Madame José Belo, Madame Seryva e filha, D. Júlia, D. Maria Maravilhas Caldera de Azevedo, D. Clementina Dias Costa e filha, D. Fernanda de Quadros Ferro, D. Henriqueta Aires de Carvalho (Bento), D. Ferreira de Almeida, D. Eduardo Aguiar, D. Cristina Teixeira Azevedo, D. Luíza e D. Sara Portocarrero da Mota Cardoso, D. Virginia Luiza Cardoso, etc.

Concurso hippico

Com uma sêria e enorme concorrencia realizou-se esta tarde a prova do Grande Concurso Hippico Internacional, que decora sempre debaixo da maior animação, sendo todos os concorrentes freneticamente interessados no resultado da carreira da «Garrett» esteve sempre repleto, vendendo-se em redor das petucas mesas tudo o que de melhor á que «rendeu» durante o «cabo» fez-se ouvir o grito «jurar-bom do mesmo «restaurar».

Amãh último dia do Concurso Hippico Internacional realizam-se as provas «Tapa de Honra» e «Festa de Forças».

Em viagem

No hotel Metropole, encontrase vindo da sua casa de Agueda, o sr. conde de Agueda. — A Claria, regressou do Palaco do Bussaco, o sr. Conde Saccar.

VIDAGO PALACE-HOTEL

Aberto de 1 de Julho a 30 de Setembro Hotel Avelemas - P. Salgadas

Aberto de 15 de Junho a 30 de Setembro, Carreiras de auto-omnibus entre os dois hoteis e a estação das Pedras Salgadas.

Diarios desde 40000 a 76800

Concessionario e Gerente Ossario & Remalho

Lisboa Pension Hotel

CALÇADA DA GLORIA, 17 - TELEFONO N. 2409

Bons e higienicos apentos Serviço de mesa primoroso

PREÇOS EQUITATIVOS

Peça oferecer o seu retrato?

Procure uma casa de confiança que justu á permissão do seu trabalho uma absoluta seleccao de

FOTOGRAFIA BRASIL Rua da Escola Politecnica, 141

CAMPO PEQUENO Amanhã, ás 5 horas



Sanchez Mejias que tourela a pé e a cavallo, alternando com Simão da Veiga (filho)

RIPOLIN para saalhos A's Sennoras para tratamentos varios, ao vapor, mia, etc. sistema extratorio Calçada da Estrela. 15. 1.º Esquadrão

NOS LOGARES SANTOS

A melancolia e o sofrimento de Jerusalem

e a grande procissão mussulmana ...

JERUSALEM, Maio—A hora em que escrevo, desta varanda silenciosa de «café» árabe, uma doce tranquilidade paira sobre Jerusalem. Para além do monte Sião, na melancolia religiosa do antedecor, este cenário triste da Judeia alonga-se a perder de vista até aos extremos confins do horizonte. Sobem lentamente do vale de Hinnom as tipólas que regressam das excursões obrigatórias aos Santos Logares onde Jesus amou e sofreu. Patrulhas da cavalaria árabe atravessam em passo marcial os grupos de mussulmanos que se reúnem, discutindo política e religião, á sombra da muralha de David.

Em volta do meu «narguilé», negro mirante árabe onde outros narguilés exaliam perfumes raros do Oriente, cheiques místicos conversam gravemente sobre Deus sobre que delicados pormenores do ritual Korânico.

A pouco e pouco, na rua de Jafá, que é o centro cosmopolita de Jerusalem, a vida policroma da Cidade Santa desenrola-se aos nossos olhos como num «écran». Sob a ógriva árabe de Bab el-Khalil passam «tarbuchs» imponentes, judeus silenciosos, soldados ingleses, homens de todas as raças, padres de todos os cérvos, peregrinos de todos os países. Algumas raparigas alegres, tudo quanto ha de mais europeu e de mais «bourgeois», mostram, sorrindo, os seus belos dentes de marfim e descobrem, andando, a curva da perna até ao joelho. Em Jerusalem, Senhor!

Passam também as filhas de Sião, os vultos misteriosos, os perfis melancolicos de grandes olhos negros, de grande olhos sonhadores, descendentes daquelas que choraram, entra a porta Judicaria e o Golgotha, á passagem de Jesus. Quem sabe se foram essas lagrimas de piedade que emprestaram aos seus olhos tanta beleza mística, tanta doçura romântica?

... Olhos que choraram pelo mais inocente dos profetas, pelo mais doce galileu, conservam na pupila uma expressão do trizista resignada, uma «palmeira» de amorosa saudade.

Não ha cidade do Islam onde a muralha árabe exerça sobre o nosso espirito uma tão poderosa atracção como em Jerusalem. Através desse veu misterioso de transparente musselina, adivinhamos todo o encanto das suas linhas puras, dos seus olhos tristes, dos seus labios doces.

Por vezes, na passagem tranquilla da alguma rua solitaria, surpreendemo-las de rosto descoberto, libertando por um momento as azas do nariz da tirania do veu. E em verdade vou digo que não ha pele mais asseitinada, nem sorriso mais fino, nem olhar mais cheio de ternura e de pudor.

Mas — ai de nós, que somos turfiests! — a cautivante indiscreção dura pouco tempo. Mal sentem a sua di-

vida beleza profanada, o «charchar» volta a cair rapidamente sobre o rosto e de toda essa deliciosa visão que nos deslumbrava ficam apenas dois círculos negros rodeados de belas olheiras românticas.

A cidade de Salomé é de David estende-se para além da porta de Jafá, sobe até ao monte Sião, desce até ao Santo Sepulcro.

Diante dos meus olhos, o sol ilumina toda a gloria antiga de Jerusalem. Da encosta do monte das Oliveiras, através dos sete zimbórios dourados da igreja russa de Santa Maria Madalena, a cidade santa surge em todo o esplendor dos seus minaretes elegantes, das suas cupulas sagradas, das suas basilicas imponentes, das suas muralhas sarracenas.

Jerusalem! Babilonia de todas as religiões, santuario de todas as crenças, altar de todos os ídolos! Ao lado da igreja, a mesquita e ao lado da mesquita, a sinagoga. Na basilica do Santo Sepulcro, entre a pedra da União e o Calvario, officiam latinos, armenios, gregos e copias. No «Hararim» ehi «Cherif», á beira da rocha sagrada de Salomé, rezam os mussulmanos. No muro das Lamentações, á sombra piedosa do Templo, choram os judeus á perda de Israel.

Jerusalem! Terra santa, terra da Biblia, cheia de poesia religiosa e de prestigio milenar! Todos os logares têm a sua devoção, todas as pedras têm a sua historia. Aqui, ceiou Jesus com os apóstolos, pela ultima vez; ali, junto daquela oliveira, entregou-se á prisão; além, sob aquele arco romano, Poncio Pilatos mostrou á turba dos fariseus e dos soldados: «Ecce Homo!»; mais além, a Virgem Maria sofreu no seu coração de mãe a maior dor humana; neste logar, a voz doce do Nazareno

dirigiu-se ás filhas de Jerusalem, pedindo-lhes que não chorassem por ele; naquele, caiu sob o peso da cruz e foi amparado pelos soldados romanos até ao alto do Calvario; finalmente, aqui morreu por nós; além, o seu divino corpo foi perfumado por Nicodemus; mais além, piedosamente sepultado por José d'Arimathea. E toda a Via Dolorosa, a tragedia, a lugubre Via Dolorosa que pesa sobre a humanidade.

Mas Jerusalem não é apenas o Santo Sepulcro, a fonte da Virgem, o jardim das Oliveiras. Jerusalem é também a mesquita de Omar, a torre de David, o palacio de Herodes Antipas — onde dançou Salomé. Jerusalem é essa vasta procissão mussulmana que hoje passou sob a janela do meu quarto, cantando litánias guerreiras e agitando no ar trofeus de batalhas. Jerusalem é o labirinto confuso dos bazares árabes, onde se amontoam numa promiscuidade repugnante as coisas mais diversas deste mundo. Em boa verdade, Jerusalem pertence mais ao Islam do que á Cristandade. Lord Allenby libertou a Cidade Santa das mãos dos infieis. Mas Jerusalem, pelo que eu vi, continua entregue aos filhos de Mahomet. E sobre os logares da Biblia, mais uma vez — entre mil de que reza a historia — o odio religioso crepita na imensa fornalha de Sião.

Anunciava-se para ontem uma nova matança de judeus. Os mahometanos recolhiam á cidade em bandos numerosos, depois da grande festa que celebram anualmente junto do logar onde a lenda sepultou Moisés. Também eles adoram o velho paraterra do Sinal.

A estrada de Jericho vinha cheia de canções guerreiras e de gritos selvagens.

Passaram junto do jardim do Ge-

thsemani cantando e agitando no ar laminas de espadas. Depois de atravessar o vale de Gódrón, subiram lentamente para Jerusalem e entraram na cidade pela porta de Santo Estevo.

A cidade estava fortemente patrulhada pela cavalaria árabe e sobre os terraços, Jerusalem aguardava com ansiedade a passagem do cortejo mussulmano. O velho burgo de David tinha um poderoso aspecto de vida, como nos melhores dias da occupação sarracena.

Sob o arco do «Ecce Homo», um grupo de peregrinos subia lentamente a Via Dolorosa. O guia lí, explicando com minucia as scenas da Paixão:

—Aqui, Poncio Pilatos mostrou Jesus ao povo. E os fariseus gritaram: «Crucificalo! Crucificalo!».

Mas já se ouve ao longe o rumor do prestígio guerreiro! Paira sobre Jerusalem uma atmosfera pesada. Os peregrinos recolhem apressadamente ao hotel e deixam a Via Dolorosa em meio. Os soldados árabes acariaciam com amor a coroa das espingardas. Entre duas ameias, olveja o cano polido duma metralhadora. Por entre a multidão inquieta que se debriça dos terraços e formiga nas ruas estreitas da Cidade Santa passa um frejeto de curiosidade. Grupos de raparigas árabes alongam a vista para além das muralhas sarracenas, por sobre a paisagem bíblica e desolada que se estende até ao Mar Morto e mais longe ainda: até á linha tortuosa das montanhas Lí Moab.

O cortejo passa, finalmente, entre aclamações ruidosas que saudam a bandeira verde do Crescente e o pavilhão de Omar. O sol ilumina em cheio esse vigoroso espectáculo guerreiro. Jerusalem não é uma cidade, é um teatro constante de lutas religiosas — onde se muda o cartaz todos os dias. Para ontem, anunciava-se uma tragedia classica. Afinal, não passou duma inofensiva revista de 33 ano...

E a verdade é que esta gente divertese. Essas raparigas que passam ao cair da tarde na rua de Jafá, amáveis, sorridentes, elegantes, encorpam tranças á noite a dançar sobre o terraço florido dum café moderno.

Em Jerusalem, á sombra das muralhas milenarias — oh, horrível profanação! — foca um «jazzband». Dança-se o fango — a duzentos metros da torre de David. Reparar que muitas de olhos languidos e de cabelo cortado á «Gargoune» ensaiam o «fox-trot» — á beira do Santo Sepulcro. Na cidade onde feste crucificado, oh, miêgo Nazareno! a flor do vicio cresce entre as pedras sagradas da tua Via Dolorosa...

NORBERTO LOPES

Advertisement for 'SANTINITINE' perfume, located at Rua Augusta 70, 2°.

DIARIO DE LISBOA vendese, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Theatre Avenida advertisement for 'ERA UMA VEZ UMA MENINA...'.

Theatre S. Carlos advertisement for 'UNA YANKEE EN PARIS'.

Theatre Politama advertisement for 'Quando o amor acaba'.

Theatre Trindade advertisement for 'MERCADO DE DONZELAS'.

Theatre Maria Victoria advertisement for 'RATAPLAN!'.

Theatre Sao Luiz advertisement for 'MERCADO SOROS'.

MAPLES advertisement for fabric and furniture.

Almoços a 12\$00
Jantares a 14\$00
Completo com vinho
Só no Café Restaurant Moderno
Rua da Gloria, 43-45
(frente á Avenida)

Chá das cinco

Uma rainha

O *Execicor* está publicando—caso inédito nos annos do jornalismo—as *Memorias* da rainha Maria da Roumania. Leitura impressionante pela sinceridade das afirmações, estas *Memorias* revelam um temperamento admirável de mulher—que compreendeu, como poucos, o seu destino de rainha. «Casei aos dezasete annos com um homem que eu mal conhecia e parti para um país que ainda conhecia menos. Isto não representa, certamente, uma situação muito agradável. Porque somos francezes esquecem que somos humanos. Supõem que estamos ao corrente de tudo, e que somos destinados a agir, em qualquer circumstancia da vida, como se não tivéssemos coração e obediça, sympathias e antipathias, como o resto dos mortaes».

Nobre confissão a desta abertura das suas *Memorias*!
«Por toda a parte sentia olhares fixos em mim. Era bonita? Grande ou pequena? Amável ou antipathica? Seria exótica ou daria ao país, o parreiro que ele ansiosamente esperava? Eu sentia-me entregue á critica severa de toda a gente. E sentia-me, só, abandonada, sem nenhum socorro, no meio de uma multidão desconhecida. Tive por vezes desejos de fugir».

Impossível, numa pequena crónica, transcrever mais passagens elucidativas deste belo e admirável temperamento de mulher.

As *Memorias* da rainha da Roumania são uma explosão de sinceridade como tem havido poucas nestes ultimos annos. Curvemos humildes ante a sua realza, que as *Memorias* atestam ser de verdadeira alma e verdadeiro sangue.

A.

Raul Pereira & C.ª L. da
JOALHEIROS

PORTO LISBOA

ABRE SEGUNDA FEIRA A SUA SUCCURSAL
NA RUA DO CARMO, 87-B

Maria Helena

Na segunda feira os annos do nosso teatro vão marcar um acontecimento. No teatro Avenida, em recita dedicada a todas as meninas de Lisboa, realisa-se a festa artistica da brilhante actrizinha Maria Helena, cujas estreia, ainda recente, ficou a toda a certeza de contarmos

MARIA HELENA

com mais um alto valor na scena portugueza—escrito pela critica e confirmado pelo publico. A galante filha dos artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho representa, nessa noite, pela primeira vez em Lisboa, a linda peça do illustre dramaturgo r. Julio Dantas, «Rosa de todo o ano», interpretando também, pela primeira vez, depois de uma notavel carreira de successo, a encantadora comedia «Era uma vez uma menina...»

Maria Helena vai interpretar nas «Rozas de todo o ano, ao lado de sua mãe, o papel de «Suzanna», desempenhando personagem com que realisa as provas finais do seu «belendido curso de aluna da Escola de Arte e Representar, donde saiu laureada com um primeiro premio.

A Cidade

A PAZ...

Portugal

enriquecer-se

se se fizesse

uma politica inteligente de reparações



SARAIVA VIEIRA

O problema das reparações alemãs continua preocupando os paizes aliados em geral, e o nosso em especial. E, portanto, dum grande oportunidade a publicação da conversa que hoje tivemos com o sr. Saraiva Vieira, engenheiro-agronomo distinto, que é director da Associação da Agricultura:

— Conheço o assunto das reparações pelo que ele, tem de interessante, em relação a determinados problemas que se arastam sem solução ha longos annos em Portugal. Por exemplo: o desenvolvimento da nossa Agricultura, o aproveitamento das quotas de agua, a ampliação das nossas redes ferroviarias, tanto na Metropole como nas Colonias, o apetrechamento dos nossos portos, o desenvolvimento de tantas industrias que apenas estão esboçadas nas nossas Colonias, etc., etc. Tudo isto, problemas de importancia vital para a nossa economia, que, com um bom aproveitamento das reparações alemãs a que temos direito, seriam, em poucos annos, resolvidos sem saída de ouro do país.

— Mas diz-se que os sinistrados da guerra, reivindicando os seus direitos, têm reclamado contra a absorção que seria feita pelas aquisições das entidades do Estado...

— Os sinistrados têm o direito de adquirir da Alemanha materiais nas importancias que lhes foram atribuidas pelo Tratado de Versaillies e pelos varios acordos que posteriormente são feitos; mas, além dessas importancias, o Estado terá, por longos annos, grandes valores que pode e tem obrigação de repartir pelos seus varios serviços e mesmo pela industria particular. Os governos, pelo abandono a que têm votado a questão, não se têm occupado dela convenientemente.

— Mas uma nota officiosa do actual governo informava de que ele ia tratar do assunto...

— Efectivamente, li isso nos jornais. Mas creio que ele não está seguindo precisamente a melhor orientação. Deve procurar-se obter os materiais da Alemanha, nas melhores condições. Mas não alimentemos utopias: os fornecimentos em conta das reparações alemãs não se obterão senão por preços um pouco acima dos correntes. Esta experiencia têm-na todos os paizes aliados, incluindo a França, apesar dos protestos de toda a sua industria, nem pagará a divida...

fortemente lesada por esses fornecimentos em reparações.

— A França tem muitissimos valores a receber; e pode, portanto, ter grandes fornecimentos...

— E' certo. Mas tudo tem a sua proporção. — Mas não será com isto que contam pagar a nossa divida de guerra?

— Isso são fantasias que eu não creio que medrem nas cabeças dos nossos governantes. Não o creio. Elas não podem ignorar que os nossos valores, que se não receberem em mercadorias, não se podem substituir por dinheiro—como explicitamente está estabelecido no plano Dawes—e a nossa credora loglaterra não quer que se lhe pague senão em autentico esterião.

— Mas consta nos, realmente, que o governo pensa em fazer face aos encargos da nossa divida com o produto das reparações...

— Efectivamente, publicouse ha pouco um decreto que exige o reembolso dos valores das mercadorias recebidas em reparações que deve ter esse fim. Mas esse decreto, a ser executado, daria o reembolso que lhe disse ha pouco; isto é, acabaria, com o interesse que deveria haver da parte de todos os organismos do Estado e empresas particulares em fazer aquisições por conta das reparações. O Estado impõe não só o resultado total desses valores, como ainda os sobrecarga de juros. Ora, sendo os preços, como são, sempre mais alto que os do mercado corrente, a vantagem nas aquisições por conta das reparações, desaparece absolutamente, e todos os interessados acabariam por pôr de parte este processo de compras que lhes resulta pesadissimo. Terão, pois, essas entidades que continuar arastando-se na mesma difficil situação em que se encontram...

— Mas o que entende, então?

— Não quero dizer que o Estado não faça pagar as mercadorias recebidas; pelo contrario, deve exigir o reembolso, como fazem alguns dos outros governos aliados. Este, porém, fazem legislação intelligente nesse sentido.

— A França, por exemplo, sendo o país que mais tem combatido as entregas em natureza não só não exige juros, como ainda, para despartar o interesse dos compradores, toma a seu cargo a differença entre o custo da mercadoria e o seu valor real, segundo o mercado interno.

— Mas, nesse caso, a França ainda paga essa differença?

— Não paga nada. Fica, simplesmente, debitada pelo agente americano de pagamentos.

— Parece-lhe que o nosso governo devia seguir o mesmo processo?

— E' isso, ou outros de resultado semelhante. E, para se contrariar os nossos serviços de ferros, pois se contrariar os nossos serviços de ferros, não se poderia desenvolver-se como seria necessario para o nosso equilibrio economico. E o país não receberá reparações...

LAMINAS PARA BARBEAR

Genero Gillette

AUERAN

(Auerhahn)

A lamina melhor que se encontra á venda em Portugal Superior a todas!

Pacote de 10 laminas: Esc. 10\$00

A' VENDA NA CUTELEARIA POLYCARPO
Rua de São Nicolau, 25 a 31

Dr. Albino Pacheco

Regressado do Rio de Janeiro
CURSOS PELA HOMOTERAPIA
Reabria o consultorio
Rua Nova do Almada, 80, 1.º
Da 1 a 3 horas Telef. Central 535
Residência Telef. C. 2577

TEATRO DE S. CARLOS

— 0 0 —

oim

ontem
a apresentação
da companhia
de Mimi Agullia

No ultimo acto da «oimiga» chamamos duas... três... cinco vezes Mimi Agullia. Tinha morrido. Foram os nossos aplausos que a ressuscitaram, ainda caedaverica, apasmadica, convulsiva, desgrenhada, errante na sua dor—tremendo genio de loucura emsigalhado, fibra a fibra, nervo a nervo, sentimento a sentimento. Todos os grandes artistas são como os deuses: maiores do que os homens. Partem da humanidade para involuntarios ceus de maldição, de fogo, crepusculo infernal cinza de sangue...

No primeiro acto Mimi Agullia atravessou simplesmente a scena. Vinha de luto, como as imperatrizezas vencidas. O seu olhar era um diadema. A cauda do seu vestido era um imperio. Mas os seus olhos, carbonculos ardentes, sofriram já um destino. Passou como uma biena, caminhando para um sarcófago.

O segundo acto foi grande. Tortura calada. Sintese de feitos novos mais mascarado, onde os musculos rompiam. A sua voz de cobre, sua punhal, bebe a dor em sedes ancestrais, cada vez mais rouca e mais bela.

Não se vê sofrer. Sabe-se que a sofre. E ama piedade imensa nasce nas almas, repellido por ferros e ardores. O seu olhar era um diadema. Vitória vencida Fica distante e calada, mas os ombros tremem; há a voz desfalece na neve dum angustia sepulchral. Caminha sobre areias ardentes. Acusa e não chor.

* * *

Mimi Agullia! Não, não é tu! Incendio de nervos, forças tumultuarias e desencadeadas a rugir como feras. Já choras e já, indolentemente. Corpo maldito, em lavas de odio, que ora se ergue ora se enrodilha, em alienados paroxisimos! Que dor tão grande, não para uma mulher, não para uma actriz, não para uma alma. Dór insatisfeita de mais dor. Dór cara. Dór principio da dor. Dór principio do mal. Dór principio de vida. Dór a correr...

3.º acto. Surge a morte. E Mimi Agullia, Fantasma! Expectrol Realidade!

— Mas que dissecar-lhe musculo a musculo o rosto brocado de rugas, beijar-lhe as linhas do corpo—fíletes de cobre ou chicitadas de aço. A tragedia tem beleza—deusa beleza horrora; pulchra e repulente dos cadaveres insepultos. A mascara é uma chama verde, alucinada, ardendo na sombra negra e irremediável dos cabelos E mais esmaida a sua boca a dilacerar gritos.

Já os braços anormais e pavorosos de convulsão, de delirio-tremens nos sufocam a garganta estrangulando. A morte não abanado de braços. Deitaram-lhe vitriolo. Seus olhos do negro—são ceos e grandes. Pelo corpo, em abraços laocoonicos de serpentes, a morte vai lambendo os ultimos fulgores de vida. Missa negra de gritos e de investivas! Ela chora. Ela grita, multiplicada de existencias. Silencio em elos, cavado nos abismos. Correm as lagrimas, infinitamente... Levanta-se de novo delira. A fé do seu arte, o milagre é tão grande—que é preciso rzar sobre aquela vida que morre. Arquejal! Sufoca! Seus olhos são dias ceas de manciõico, onde perpassam loucos labaredas de almas. Corps as palavras, ferros com elas, cavadas nos abismos, e na mais alta attitude, apoteose suprema da dor—já não grita com a voz, grita com o coração, com a carne, grita cauda, grita com o proprio silencio...

A companhia de Mimi Agullia é uma moldura brilhante de obra prima e prodigiosa de beleza, que é artista. Trabalha com fé e intelligente. Scenarios romanticos. Pouco publico. Que vergonha, meu Deus! Marinheiros sem saudade, ide descobrir a India de maravilha, de fulgor e de quimeras... India que não é nossa e que é de todos...

Artur Portela

Maria de Lacerda

MEDICA
Doenças uterinas
Calçada do Sacramento, 7, 2.
Das 3 ás 4 h.—Telefons C. 4359

NO THEATRO S. LUIZ

FAZ

hoje
a sua recita
a "tonadillera,,
Mercedes Serós

Mercedes Serós vai hoje receber a homenagem do publico.

Vai cantar para ele, em dór e em sorriso. Em alegria e em paixão. Vai ser mulher, criouza e donzelinha. Sua voz,—acorde de cravo maguado, rosa entre as rosas de Valencia,—é uma fonte de perfume, um doce bater de asas. Ninguem como Mercedes tem mais distincção e elegancia. Veste cada numero com uma personalidade nova. Na mamã de Tut-Ank Amen



MERCEDES SERÓS

o frio das suas altitudes, arrancado ao desêso gravado nas hipogotes, com alegrias realistas de Kernel e Ipsambouli—a graça e a malicia franceza, na sua boca, são um comentario garoto e boulevardeiro, cuja sensualidade embriaga. «Mefica» é um pequeno drama, em que a dór parte o coração. Mercedes Serós arranca desse numero uma forte latencia emotiva, que vai até ás lagrimas e até aos soluços. A sua mascara parece cravada de martirios, tanto ella se esbranzeja, Valencia ó canto das rosas, entre rosas. A mais bela e a mais flagrante é a artista, figura ingenua de Wateau.

A sua delicadeza é incredibile de ritmo coaleante, do bater de azas, de amor sonhado. Campanillas de Piaia, toda regional vivida num portico de igreja, possui desesperaçao, sangue violento. Serós realiza a com effeitos surpreendentes de tragedia, marcando a amargura e profundamente.

Mercedes Serós, cuja voz purissima de caricia e de beijo alucina,—é de facto uma das artistas espanholas que concentra maior soma de beleza. Ella purifica os gestos com as suas lindas mãos percorridas do frimto languido das vagas. Na nobreza da attitude, dada sem um estudo, porque é natural, larga e perfeita, consegue encarnar as mais diversas e apaixonadas figuras, num estilo imitativo de elegancia.

Mercedes Serós faz hoje a sua festa artistica. Que as nossas palmas sinceras e meridionais sejam as rosas que ella nos da, repençando na garganta de oiro aquele jardim tão lindo e tão embriagante de perfumes, que é Valencia—a mais linda cidade—mulher de toda a Espanha.

«Os azes do Sport»

Saiu hoje o segundo numero do interessante publicaçao quincenal «Os Azes do Sport», que é dirigida ao popular jogador do Benfica José Pimenta.

Charutos "Pedro Garcia,,

Os melhores e mais aromaticos dos mercados, feitos a mão, de flor de tabaco, não têm rival. Enjamem nas tabacarias.

Imp. Viuva Contreras & Filho
Rua 1.º de Dezembro, 7

A Cidade

CRIME?

Aparece

MORTA

uma mulher

que era noiva

do sindicalista Jaurés Americo Viegas

Esta manhã chegámos, pelo telefone, esta noticia estragada:
—Apareceu estrangulada, na rua do Arco da Graça, a dona dumma casa de hospedes...
—Procuramos saber o que na realidade havia.

—A rua do Arco da Graça é a que liga a ingreme Calçada do Garcia ao Hospital do São José.
—No prédio numero 24, no segundo andar, morava Rita Julia Monteiro, uma morena de 40 anos, forte e bonita, que alugou varios quartos para viver com menos difficuldades.

—Num deles vivia uma senhora de 30 anos. Em outros viviam o conhecido do jovem sindicalista Jaurés Americo Viegas, de 17 anos, sua mãe e o seu padrastrô.

Quando chegámos á rua do Arco da Graça, perambulámos ao policia de giro:
—Pode dizer-me se houve aqui algum crime?

—Crime? Não sei... Não sei nada...
—Um popular tambem que cramos dos jornais. E inquiriu:
—E por causa duma mulher que appareceu morta?
—Exactamente.
—E aqui...

O prédio n.º 24 é pobre como todos da rua.
—Subimos a escada. A porta do segundo andar estava aberta.

—Bons dias!
—Toda aquella gente — visinhança atral da pela tragedia — se levantou. E vieram os esclarecimentos:
—Eu sou hospede. Vivo aqui neste quarto. O da Dona Rita é aqui ao pé do meu. Esta noite, ás duas horas, estava eu ainda de pé, ouvi a tossir. Não fiquei importante.

—Ela era doente?
—Soria muito do coração. Deitei-me. Pouco depois, ouvi que alguém abriu a porta da retrevez. E eram ali umas horas, fui acordada pela mãe de Jaurés, que gritava: «A Dona Rita morreu! A Dona Rita morreu!». Vesti a primeira coisa que encontrei á mão e entrei no quarto da dona da casa. A Dona Rita, completamente nua, de per-

nas abertas, cabeça para os pés da cama, deixava cair dos labios um fio branco de espuma. Ao pé della, o Jaurés, alucinado gritava: «Não pôde ser! Não podia morrer! Era uma sania!» E queira levá-la para o hospital. A mãe disse-lhe: «Não ves que está morta?» E, como elle não se convencesse, aguceou uma cafeteira de agua e baniu-lhe os pés. De nada serviu, porém. Estava morta...
—Entretanto, a visinhança acudiu aos socorros.

—Vieram estas senhoras e estes senhores. Chamaram o medico. Entretanto, o Jaurés desaparecia, não sei para onde.

—E qual foi a opinião do medico?
—Disse, que devia tratar-se duma congestão. Mas recusou-se a tomar a responsabilidade e chamou o sub-delegado de estudo. Quando ele entrou, saiu a mãe do Jaurés — e não voltou.

—Haveria estrangulamento?
—Esta hypothese horrivellos todos os presentes.
—Que ideal! Pôde lá dizer-se isso... Só a autopsia.

—Mas o Jaurés tinha algumas relações com a Dona Rita?
—Dizia que era noivo, e esperava-se o casamento para daqui á dois meses. Estão aqui o irmão, e a cunhada della que o pôdem dizer...

Entrámos no quarto da Dona Rita. O corpo foi piedosamente envolto num lençol. Descançava — para sempre.

—Descobri-lhe a cabeça, á parte superior do tronco. A sua belleza vulgar está manchada a negro e a roxo. No pescoço, dum lado e doutro, essas manchas são mais fortes. Estrangulamento? Não se sabe...

O que parece averiguado é que o Jaurés, estava com ella no quarto quando a tragedia se deu. Provavelmente, alguma troca de palavras violentas, alguma aggressão — é a Dona Rita, que era uma cardiaca, morreu...
A mãe do Jaurés afirma que ouviu a Dona Rita gritar: «Jaurés! Jaurés!», e que quando o filho entrou no quarto já a pobre mulher agonisava.

Sabe-se lá...
Sabe-se apenas que, ás quatro horas da tarde, na policia ainda nada se sabia...

A B C

TOUROS

Este esplendido magazine que, de numero para numero, parece abrir em todas as suas secções, além duma bela capa de Roberto Nogueira, ilustra paginas verdadeiramente nobres, tanto pelo interesse e pitoresco relevo do seu texto, como pelas numerosas e bellas illustrações de que se compoem. A Vida Lúbrica de Jerge Vi; «O Ultimo dos Ultimos», conto de Mario Domingos; «O Baptismo do Filho do Rei dos Mares», «O diario duma Cartomante», etc.

Está merecida para as 17 horas a tourada de amanhã, no Campo Pequeno, através espectáculo em que a nobreza e a bravura são pelo primeiro vez ver o «pega-do» Sanchez Mejias turear a cavallo, não fadado, ni debilmente, das suas contendas de aflicções que em Badajoz, no dia 23 de Março, o ovariaram nisto trabalho. Mejias, amanhã, tambem trabalha a pé.
Tureará tambem o cavaleiro Riposo, do Veiga, filho, que esteve costal em Madrid. Os banderilleros são: Cadete, Aguilucho Coelho, Nappo, J. Coelho e Pila.

Rebugados Peitorais Dr. Centazzi

Es melhores para a tosse, catarrros e bronquites

Livros de essencias artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebugados que, com o papel, imitam o nosso

TIVOLI
Telefons N. 5474
HOJE, A'S 8:34 HOJE
Os inimigos da mulher
A TEIA DE ARANHA
PAFUNCIO EM AFRICA

Pelos teatros

Alexianne

A bailarina franceza Alexianne, que ha quatro nozes se achou no teatro S. Luiz na revistinha «Cha Cha», nos seus interessantes balados, tem sido orço dos musicos.



Alexianne no «Vampiros»

Essa actriz no publico que tem encido eguie teatro, Alexianne, que veio do Círculo de Paris, continuará interpretando os seus comicos e arabescos balados todos os nozes.

Carlos Leal

O actor actor Carlos Leal, que tem um subido muito seu, realizou a sua festa artistica no Maria Victoria, na próxima segunda feira, com duas sessões da revista «Ritambal» em que interpreta a «commodora Philomena». Em ambos os espectáculos tem parte o actor comico Nascimento Fernandes, Amelia Peleg e João Silva, dremencionados nos anteriores.

Atrás do repositório

A festa da actriz Maria Clementina, no teatro Politeama, realiza-se na proxima terça feira.
—O Trindade dá amanhã o seu ultimo espectáculo com a opereta «Mercado de Donzelas», encenando a epoca de inverno. Depois de segunda feira começa o ensaiado ali, de noite e de dia, a revista «Dilões Patrias», para a epocha de verão.

—No dia 10 de corrente, dá-se em que a companhia Rey Calape-Robles Meleiro termina a sua temporada no teatro Politeama, começando as encasas, para a epocha de verão, com a inauguração da epoca de verão com a revista «A cidade onde a gente se aborrece», de An' d' Brás.

—A companhia organizada pelo dramaturgo Alfredo Cortez, que se estreia no teatro Avenida, no dia 16 do corrente com a peça «Apixanetas» (Amoreus), de Porto-Riche, para representação de Ester Leão, ficará sendo denominada Nova Companhia de D'Almeida.

—Lige depois das representações da peça «A Sovera», no teatro Joaquim de Almeida, subirá ali á scena a peça «Rosa Engatada», com a actriz Bestin de Almeida, na interpretação.

—Deve chegar depois de amanhã a Lisboa, vinda das ilhas, a companhia Satanel-Aparante, que se estreia no dia 11, no teatro Avenida, de Vizeu, onde vai realizar cinco ou seis representações.

—A companhia Maria Malva-Mendonça de Carvalho «fictiva» na proxima terça-feira no teatro Avenida, a primeira representação de duas peças: a comedia espanhola em 3 actos, «Os autores dos meus dias», traducção de José Sarmiento e interpretada por Maria Malva, Maria Helena, Berta de Albuquerque, Leonilde Pereira, Alice Alvide, Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegria, Antonio Palma e João Lopes. «O mundo é assim», peça em 1 acto, extrahida da peça «Coisa é mundo», com Maria Helena na protagonista.

—Inicia-se no proximo dia 11 no Sallio Olimpia e no Politeama a exhibição de alguns fillos de grande metragem que ultimamente têm sido levados nos cinemas estrangeiros com invulgar exito. A primeira película a ser levada em Lisboa nestas condições é a superprodução intitulada «Kean».

ESPIRITA

EM 15 DIAS

tudo consegue. Reembolso triplicado em caso contrario.

R. do Sol ao Rato, 215, 3.º

Relatório e Contas do BANCO COLONIAL e AGRICOLA PORTUGUÊS

Gerencia de 1924

SENHORES ACCIONISTAS;

Pela primeira vez, depois da profunda alteração organica por que passou o Banco Colonial Português com a absorção do Banco Nacional Agrícola, efectuada por escritura de 11 de Agosto do ano findo, vem o Conselho de Administração do Banco Colonial e Agrícola Português, dar-vos conta do resultado do exercício de 1924, que bem se pode designar como o primeiro do novo Banco.

Não são, forçado é confessá-lo, fisionomias os resultados colhidos mercê de circunstâncias económicas de todas conhecidas, agravadas no que toca a este Banco por o facto de uma parte importante da sua acção se exercer nas Colónias de Africa, de ha longos meses ameniadas por uma crise parvoza, cujo alcance maximo a ninguém é dado conhecer ainda, se bem que todos lhe vão experimentando, já, os perniciosos efeitos.

A estes factores de ordem mais geral, outros acréscem de natureza especial, como são o volume das immobilizações, criadas umas no consciente desenvolvimento de objectivos estatutarios, avolumadas outras por os phenomenes economicos acima apontados e pelas excessivas facilidades que alguns dos responsáveis pelas dependencias ultramarinas punham na concessão e distribuição do crédito.

Todas estas causas levaram aos efeitos desagradaveis a que de inicio alludimos e que se traduzem no exiguo montante escusado pelo saldo da conta «Ganhos e Perdas» e para o qual proponho a seguinte applicação:

Saldo da c/ de «Ganhos e Perdas»	493.971\$77
Deduzindo o saldo do ano anterior	228.599\$15
	265.372\$62

Para incidência das deducções estatutarias, pela forma seguinte:

Saldo acima	493.971\$77
Para fundo de reserva legal, 5% sobre 265.372\$62	13.268\$63

Para as seguintes fundos, em conformidade com o § unico do art. 28.º estatutos:

Fundo especial de Garantia	50.000\$00	
Fundo de Regularização de dividendos	37.421\$79	
Fundo de Previdencia	25.178\$99	125.869\$41
Saldo para Conta nova		368.102\$36

Como vêdes, o lucro liquido apurado não permite a distribuição de qualquer dividendo, como vos era licito esperar e nós todos desejavamos; entretanto, deliberamos entrar no caminho de saneamento geral dos nossos factores do crédito e proseguir, sem desfalecimento, na mira de atingir um futuro firme, e esta embora de pesados sacrificios no presente.

Dada a situação bancaria e financeira das colónias portuguesas no Ultramar, estamos aguardando elementos que nos habilitem a conhecer, com segurança, a posição de todas as contas das nossas dependencias ultramarinas. Para tal consecução, encontramos, desde Fevereiro ultimo, na Costa Oriental da Africa, o nosso colega, Sr. Dr. José Gabriel Pinto Coelho e na Costa Occidental o nosso gerente, Sr. Pedro Bohm.

Nesta seccão foram reduzidos ao minimo alguns valores e saldos de posição duvidosa ou mal firme, e assim pôdeis estar certos de que os numeros representados no Balanço traduzem exactidão e rigor.

Srs. Accionistas: é com prazer que vos apresentamos este relatório, mas animados, entretanto, a esperança de que a continuidade do nosso esforço comum ha de redundar na reconquista de prosperidade do vosso Banco.

Durante o exercicio tivemos o fundo desgosto de perder o nosso querido colega, Sr. Ernesto do Canto Amaral, cuja lealdade e primores de caracter se affirmaram, nobremente, na sua tão prestante collaboração no Conselho de Administração do Banco Colonial Português, a que, desde o inicio, pertenceu.

Cabe-nos tambem o dever de, mais uma vez, patentear os nossos agradecimentos a Srs. Pinto e Sotto Mayor, pelo elevado interesse que continua a tomar no desenvolvimento do Banco, manifestado, ainda ha pouco, na ultima emissão, que tomou firme, so par, em conjunto com o nosso Presidente do Conselho de Administração.

Para o nosso Conselho Fiscal vai, igualmente, o nosso agradecimento mais profundo, pelo assiduo interesse com que nos acompanha.

As nossas personal da Sede, especialmente os nossos Gerentes, Srs. Pedro Bohm e José Marques Pereira, cuja qualidades de trabalho, dedicação e intelligencia, nunca é demais encarecer, e ao pessoal das Colónias que, no cumprimento dos seus deveres tem sabido defender os altos interesses e direitos do Banco, os nossos agradecimentos, que estendem aos nossos correspondentes no País e Estrangeiro.

O Conselho de Administração

Presidente, *Candido Sotto Mayor*; Vice-Présidente, *Dr. Joaquim Nunes Mexia*. Vogais, *Antonio de Moraes*, *Antonio Maria de Brito*, *Dr. Eduardo Corêa de Barros*, *Dr. Eduardo Fernandes de Oliveira*, *Henrique Augusto Ferreira*, *João Antunes dos Santos*, *Mannet Maria A. da Silva Brinchy*, *Dr. Mario de Miranda Monteiro*, *Dr. Ricardo Jorge (Riho)*, *Dr. Ruy d'Andrade*.

FUNDOS FLUCTUANTES

Quantidades	Colação	Importancias	Total
Títulos Nacionais			
Obr.	483	Empresaria Nacional Concluido 6 1/2 0/0 (fev. 1923)	418.500
Acções	2.082	Banco de Portugal	308.800
	75	Central da Lisboa	200.500
	65	Nacional Ultramarino, emp.	1.328.000
	36	de assentamento	210.300
	1.734	Epifanio Santo, emp.	140.800
	156	União Electrica Portuguesa	285.500
	200	Portuguesa de Brasil	110.800
	36.884	Companhia Colonial do Bani, novas	131.500
	23.316	de seguros e seguros	1.392.500
	42	de Seguros «Sagres»	770.800
	20	de Mocambique até 14/11/1914	43.500
	2.500	União Electrica Portuguesa	160.300
	2.583	Portuguesa de Pesca, assentamento	83.800
	6.000	Credito Esportivo de Portugal	25.500
	735	Sociedade Portuguesa de Administracões, emp.	1.392.500
	230	de seguros	1.200.000
	3.519	Ministria do Lena	9.200
	709	Industrial de Calçado «Elias»	93.800
	600	Empres. Ceramica de Telheiras, Ltd.	9.200
	1.510	Meca-Cultura Portuguesa	50.500
	11	Bilhetes de Tesouro	287.000.000
			11.833.898\$50
Títulos Estrangeiros			
Aos cambios de L. str., a 30/09, Fra. a 1923, Fra. 2837 e Bliã brasileira a 2280			
L. nem.	16.200	Brazil Funding 5 0/0 1914	72.340 00
	2.500	de 5 0/0 1908	84.112 00
	7.500	Japones 5 0/0 1917	79.518 00
	1.500	American 4 0/0 Railway Reconstruction	78.280 00
	17.400	Primeiro de Corrientes 6 0/0 1910	49 00
Fra nom.	240	Brazil Fracções 4 0/0 1917	51.300 00
Obr.	80	Brazil 4 0/0 1910	fr. 365
Acções	40	Sociedade Anonima Hidro-Electrica de Galles, Ptu. 0/0 1920	90 00
	651	Banco Portuguez do Brazil 1.º emissão (data gradualizada)	255.330\$00
	475	Banco Portuguez do Brazil 2.º emissão (sem 20 0/0 juros)	183.000\$00
			292.016\$58
			37.800
			2650.937\$69
			14.619.876\$19

DESENVOLVIMENTO DA CONTA «GANHOS E PERDAS» EM 31 DE DEZEMBRO DE 1924

Lucros		
Saldo do ano de 1923		228.599\$15
Juros em letras descontadas, creditos encasados e noutras contas		3.929.374\$76
Juros, dividendos e diferenças de colação		3.719.596\$82
Comissões e transferencias		305.263\$21
Contas em participacão e diversas		1.687.893\$59
Encargos		9.930.729\$45
Juros aos depositantes e em diversas contas		1.347.057\$74
Comissões e transferencias pagas		276.248\$71
Encargos		
Contribuições	1:176.690\$36	
Despesas de fiscalizacão do Ultramar e outras semelhantes	594.337\$46	
Despesas de expediente, de material, judicias e outras	1.299.223\$27	5.064.251\$79
Vencimentos dos corpos gerentes e empregados		
Bancaria e industrial de 1924-25, taxa complementar de 1922-23, impostos, transações, seguros sociais, etc.		
Amortizações e depreciações		1:127.303\$72
Nas contas «Instalacão e Mobilia e Utensilios»	71.482\$33	
Depreciações em diversas contas	1.542.105\$58	
Para Fundo de Depreciacao de Moeda Ultramarina	2.008.337\$35	
Depreciações em diversas contas		3.612.929\$05
Saldo para c/ nov.		9.436.757\$77
Encargos		49.971\$77
		10.500.729\$54

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1924

ACTIVO		PASSIVO	
Accionistas	36.125\$00	Capital	45.000.000\$00
Caixas		Reservas:	
Dinheiro em caixa	5:259.941\$71	Fundo de reserva, especial de garantia	1:003.508\$94
de deposito do em caixa bancos	217.534\$21	Fundo de regularizacão de dividendos	1:250.000\$00
Fundos Fluctuantes:		Fundo de previdencia	704.578\$21
Nacionais	11.833.888\$50	Fundo de depreciacão de moeda ultra-marina	234.821\$61
Estrangeiros	2.660.937\$69	Fundo de depreciacão de moeda ultra-marina	3:08.337\$35
Cambios (Letras etc.)	150.010\$11	Depositos a ordem, a prazo, Letras a pagar	5:257.245\$55
Letras (p/ País, depositadas e transferidas)	2.363.844\$77	Depositos a ordem, a prazo	13:139.973\$85
Letras a receber	3:516.534\$69	Letras a pagar	445.318\$05
Imprestimos e outros		Dividendos a pagar	420.381\$79
Saldos em colação (incluindo o credito deste Banco)	2:026.339\$17	Emprestimos e correntes com caução	231.534\$89
Agencias e correspondencias		Saldo credores	4:913.96
Saldos devedores	33:448.214\$07	Agencias e correspondencias	4:913.96
Devedores gerais	8:479.593\$68	Saldo credores	4:005.788\$85
Contas diversas	13:976.807\$19	Créditos gerais	19.372.178\$32
Saldo devedores	9:423.064\$45	Contas diversas	11:445.389\$56
Operações de Fomento Agricola	2:071.740\$57	Caucionadas	
Operações de Fomento Colonial		Diversas	15.290.907\$97
Cações		Estabulacões	175.000\$00
Diversas	15:230.302\$97	Créditos por recibos depositados	16:704.869\$25
Estatutos	175.000\$00	Ganhos e perdas	493.971\$77
Efícios depositados	16.704.869\$25	Encargos	331.917.417\$79
Instalacão	954.736\$60		
Edificios e propriedades rústicas			
Edificios	5:130.000\$00		
Propriedades rurais			
Utensilios	359.048\$39		
Mobilia e utensilios	403.427\$77		
Encargos	131.917.417\$79		

Lisboa, 23 de Março de 1925.—O Officio da Contabilidade, *Adriano Luiz Patrício*.—Pelo Banco Colonial e Agrícola Português, *Antonio de Moraes*, *Antonio Maria de Brito*, *Dr. Eduardo Corêa de Barros*, *Dr. Eduardo Fernandes de Oliveira*, *Henrique Augusto Ferreira*, *João Antunes dos Santos*, *Mannet Maria A. da Silva Brinchy*, *Dr. Mario de Miranda Monteiro*, *Dr. Ricardo Jorge (Riho)*, *Dr. Ruy d'Andrade*.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento das disposições legais, vimos dar-vos o nosso parecer sobre o relatório, balanço e contas, relativos ao ano findo de 1924, que o Conselho de Administração submette á vossa criteriosa apreciação.

Por esses documentos já teris visto que o exercicio findo foi escasso de lucros, de modo que não é possível ao Conselho de Administração propor a distribuição de qualquer dividendo, por pequeno que seja e, na mesma ordem de ideias, entendem os vossos corpos gerentes desistir de receber as percentagens que lhes são atribuidas pelo n.º 3 do art.º 28.º dos Estatutos.

As difficuldades de toda a ordem com que a industria bancaria lida presentemente, difficuldades que são do conhecimento de todos, explicam em parte a exiguidade dos resultados obtidos; mas além dessa razão de ordem geral, outras ha de natureza mais particular a este Banco, que tambem tem de ser levadas em conta para cabal intelligencia da impossibilidade manifesta de remuneracão ao vosso capital.

Neste ultimo grupo de causas esta a cifra excessiva das despesas gerais, que resulta ainda hoje do proprio facto da fusão de dois bancos que transitaram para o novo com todos os encargos de funcionamento de dois organismos completos, e o Conselho Fiscal não pôde deixar de accentuar quo urgente se torna prover de remedio esta situação insustentavel.

Em todo caso, supõe e espera o vosso Conselho Fiscal que as difficuldades presentes serão rapidamente atenuadas e que ao Conselho de Administração não faltará força para seguir firmemente no caminho da reforma que é necessario trilhar com urgencia e desassombro.

O Conselho Fiscal, durante o exercicio a que se está referindo, fez as verificacões da escrita e de valores que a lei lhe determina e sempre encontrou tudo devidamente arrumado.

Não desejamos concluir este parecer sem aqui consignar o nosso agradecimento aos Srs. Candido Sotto Mayor e Pinto e Sotto Mayor, pelo diavelo com que tem, em todas as occasões, coadjuvado elevada e desinteressadamente a administracão deste Banco, sendo para em relevo a tomada, ao par, da ultima emissão deste Banco.

E de mesmo modo aqui prestamos a nossa homenagem aos dignos administradores do Banco, pelo incansante cuidado e atencão que tem prestado aos negocios deste Estabelecimento.

Concluindo, é nosso parecer:

1.º—Que aproveis o relatório, balanço e contas, apresentados pelo Conselho de Administracão;

2.º—Que em salda de exercicio deis a applicação que o mesmo Conselho vos propõe.

O Conselho Fiscal

Presidente—*Dr. Mannet Nunes da Silva*
Dr. Antonio de Miranda Pinto de Vasconcelos
Antonio de Menezes e Vasconcelos
 Vogais
Antonio Vieira Pinto
Arsenio José Xavier
Dr. Luis Filipe de Castro (Cidade de Nova. Gá.)
Dr. Antonio dos Santos Côades

AGENCIA FOX
DETECTIVES

Diligência por especialidade superior da policia de Lisboa. Investigações comerciais, particulares e de vigilância. Única no género no país.
Móveis referendados baseatis
R. S. Paulo, 55, 3.º—Telef. C-1552

ESTRANGEIRO

Prof. Angelo da Fonseca
DR. HORACIO MENANO
Rias e vias urinarias
Consultorio: R. de S. Nicolau, 119-2.º
Residência: R. de Ribeiro Sanchez, 28
Tel. C. 2343

INGLATERRA

Contra os soviets
vae encetar-se
uma campanha
em toda a Europa?

LONDRES, 6

Em virtude do desenvolvimento tomado pelos manjaes dos bolchevistas, as policias francezas e inglesas porziram-se em comunicação já ha algum tempo, a fim de se entenderem sobre as medidas a tomar. O accordo entre as duas policias forço sobre a vigilância a exercer em cooperação sobre certos individuos russos suspeitos, e sobre a propagação bolchevista. Segundo os jornais, os Estados Unidos e a Italia estão igualmente em contacto com as autoridades de Paris e Londres, a fim de colaborarem nesta vigilância. A Alemanha, por seu lado, também parece estar de accordo com esta politica. Sabê-se, de resto, que o ministro do Interior inglês deu ordem a varios estrangeiros, gerentes de hotéis, para deixarem Londres num prazo de alguns dias.—(H.)

As negociações
sobre o pacto de segurança

LONDRES, 6

A resposta franceza ao ultimo «memorandum» britânico sobre o pacto de segurança, entregue ontem a Chamberlain, causou excitavel impressão em todos os círculos, pois estabeleceu o accordo sobre os pontos fundamentais do pacto. Os circulos autorizados calculam que as duas ors têm divergencias ainda existentes sobre tres pontos de detalhe, serão resolvidas nos dias seguintes, na entrevista que se realizará em Genebra entre os srs. Briand e Chamberlain.—(L.)

Madame Lebel
e o congresso comunista

As autoridades confirmam a presença da senhora Lebel no congresso comunista de Glasgow, pois foi autorizada a desembarcar por não haver indicação alguma do que se dirigia a Glasgow. Quanto ao dr. Stocker, a policia afirma que ele ali não esteve, sendo de opinião que qualquer alemão residente em Inglaterra se fez passar por Stocker.—(L.)

Esplanada no Alto do
AVENIDA PARQUE

Balles populares todas as noites
Boa banda de musica
Maxima ordem e correção

Companhia Portuguesa
de Lagostas
S. A. R. L.

Assembleia geral ordinaria

1.ª convocação

De conformidade com o art. 10, § 7.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Ordinaria para o dia 6 de Julho de 1925, ás 15 horas, na rua de S. João, 168, 4.º andar (sede da Companhia Commercial do Moatijo), sendo a ordem do dia:
Discutir e aprovar as contas do exercicio findo.

O Presidente da Mesa
a) Duque de Palmela

MAPLES
HA SEMPRE GRANDE VALERIDADE, DE OPTIMA CONSTRUÇÃO, PREÇOS REDUZIDOS.
25-A-R. Laxe Borracho-27, 1.º, R. (do Callariz)

DE FRANÇA

A nota
sobre o desarmamento
diz que não foi excedido oficialmente
o efectivo dos exercitos da Alemanha...

PARIS, 6.—Eis um resumo do anexo 5 da nota sobre o desarmamento:
«A organização da policia é actualmente a mesma que era em 1922; o seu efectivo, que é de 180.000 homens, apresenta um excedente de 30.000 homens. A policia organizada e instruída militarmente e utilizando sistema completo de T. S. F. deve conservar o caracter de organismo regional municipal e os excedentes de alistamento e instrução militar colectiva devem desaparecer. O pessoal deverá ter o estatuto de todos os outros funcionarios vitalicios. As sub-estações de T. S. F. que têm material excedente, devem ser destruídas, assim como os muitos milhares de maquinas de capulas de cartuchos encontradas em um grande numero de cidades da Alemanha.
Na casa Krupp, em Essen e Kotten serão destruídas o grande numero de maquinas de grandes dimensões de tubos de canhões pesados, as pranas de fazer explosivos comprimidos e os grandes «stocks» de munições nos acampamentos de protecção contra os gases.
O efectivo de 100.000 homens do exercito não foi excedido oficialmente, mas o grande numero de homens que efectuam periodos de treino, a curto prazo, sob a direcção do exercito tem uma organização como o ex grande Estado Maior e a organização dos caminhos de ferro, sempre constituída tendo em vista a mobilização e tratado superior a existencia, proibida, de reservistas deve estar em harmonia com o tratado.»

Os oficiais alemães
que estão nos exercitos estrangeiros...

O quadro dos efectivos militares não foi respeitado e um grande numero de oficiais e grande abundancia de oficiais inferiores, em desproporção com o numero de homens de infantaria, aprende o manejo do canhão da cavalaria, e das metralhadoras e utiliza os carros blindados e os aviões civis para fins militares.

Todos estes abusos devem ser suprimidos.
O exercito alemão recebe e instrui homens em pequenos periodos, generaliza a instrução das reservas e prepara a mobilização dos socios de grande numero de associações que não têm controle, e que têm o seu periodo de recruta. A legislação sobre a detenção e fabrico ilicito de material de guerra é insuficiente ou não se cumpre. As peças de fortaleza, que ainda não se encontram em reparos fixos constituem uma verdadeira artilharia pesada de campanha e ainda se executam novas disposições de aperfeiçoamento para os fortes.

Um grande numero de oficiais superiores do exercito alemão prestam serviço nos exercitos estrangeiros, o que constitui uma infracção, prevista no tratado, cujo cumprimento é de necessidade absoluta cumprir-se.—(H.)

Os aliados

vão evacuar a zona de Colonia...

PARIS, 6.—A nota da conferencia dos embaixadores, que ontem foi entregue ao governo de Berlim, constata que a não reparação das faltas da Alemanha permitiria ulteriormente ao «Reich» reconstituir um exercito segundo os principios de nação armada, o que está em contradição formal com o tratado de Versailles. O conjunto das faltas da Alemanha tem um caracter perigosissimo para a paz geral. As faltas enumeradas na nota dos aliados constituem o mais grave dos testemunhos do não cumprimento de uma parte essencial do tratado.
Os aliados estão convencidos de que depende da boa vontade das autoridades alemãs pôr cobro ás faltas citadas. Os aliados estão prontos a evacuar a zona de Colonia logo que se efectuem as reparações devidas e isto não obstante as reservas que justificaria a falta de cumprimento de outras clausulas do tratado. Se durante o periodo da reparação das faltas apontadas, a Alemanha não cometer nenhuma nova infracção séria, nada se oporá a que a commissão do «control» se retire.

Os aliados declaram mais uma vez que não fazem mais do que conformar-se escrupulosamente com o artigo 429 do tratado de Versailles e convidam de novo o governo alemão a pôr toda a sua boa vontade na regularização desta grave situação, que é o unico meio de aliviar a Alemanha pela libertação de uma parte do seu territorio. O unico meio de aliviar a Alemanha pela libertação de uma parte do seu territorio, «memorandum» acrescenta que a nota comprehendê: 1.º, um estudo da execução das obrigações do Reich em materia militar; 2.º, as faltas principais; 3.º, uma lista detalhada das reparações que são necessarias para que sejam cumpridas as clausulas do tratado, de uma maneira satisfactoria; 4.º, uma lista das concessões já feitas pelos aliados.—(H.)

PAPEIS PINTADOS

CHEGOU NOVA REMESSA A PAPEÇOS BARATISSIMOS
MIGUEL DOS SANTOS, Lda
R. NOVA DO ALMADA, 102, 104

1.200\$00 Serviços de jantar em magnifica porcelana estrangeira com finas decorações
Bastos Silva, Ltd.,—Rua de S. Nicolau, 81

DE ESPANHA

Estava
preparado
em Barcelona
um atentado
contra Afonso XIII?

BARCELONA, 6

A policia descobriu uma conspiração contra a vida de D. Afonso XIII, frustrando o atentado que já estava preparado.

Num tunel da linha ferrea de Barcelona a Madrid foi descoberta, pouco antes da passagem do comboio real, uma poderosa bomba com espoleta deflagrando electricamente.

A policia effectou a prisão de 14 jovens estudantes e operarios, implicados na conspiração.—(L.)

Os grevistas
em Shangai
elevam-se a 200.000

SHANGHAI, 6.—Os combates nas ruas continuaram durante o dia de ontem, sendo muito elevado o numero de victimas.

Os grevistas elevam-se a 200.000, e os seus dirigentes procuram obter a adesão das classes maritimas, dos correios e caminhos de ferro.

Os comerciantes chineses recusam-se a vender aos estrangeiros, especialmente aos japoneses e ingleses.—(L.)

Um programa insuperavel

O Condes e as maravilhas do cinema

E' difficil de superar o programa desta semana do Cinema Condes. Como «filas em jornadas», apresenta a grande super-produção de Richard Oswald «Lucrecia Borgia» com a interpretação sublime de Conrad Veidt. Seane Haid, Alberto Basserman e Paulo Wegener. Como comedia dramatica, a deliciosa narrativa de Bret Hart «Rizas de aldeia», com Russell Simpson e Blanche Sweet. Ainda existe um comedia burlesca «Baby e as grevistas», 2 partes, e «Jornal do Condes 265», um belo magazine que se estreia hoje.

Anton Halbritter
FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Igreja

Maria Amelia Duarte Halbritter, John Antonio Halbritter, Maria Duarte Cyraco, sua mulher e filha, João Duarte Victor (ausente), cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, padrao e cunhado e que o seu funeral se realiza amanhã, domingo, pelas 13 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia, tunel do Arco do Bandeira, 173, 4.º, Esq.º, para o cemiterio alemão, sendo o acompanhamento a pé e de trem.

6 HORAS DA TARDE

ULTIMAS NOTICIAS

6 HORAS DA TARDE

9 ANO SANTO

HOJE na Sé

houve "Te-Deum," pela peregrinação

Como oportunamente se noticiou, Pio XI, no receber em Roma a peregrinação portuguesa, ordenou a todos os sacerdotes que nela tomaran parte — desde os prelados aos simples presbiteros — que, uma vez regressados a Portugal, dessem a benção apostólica a todos os fieis, como a melhor oração que o Vigário de Cristo podia enviar-lhes para prova do seu afecto por todos os portugueses.

Antes da partida, o Senhor Cardial Patriarca, no cumprimento dessa determinação, e ainda para dar graças pelo feliz exito da romagem a cidade eterna, mandou o hino cantar na sua Sé um solene "Te-Deum," que presidiu assistido por todo o clero disponível da diocese.

Salientando mais uma vez, que os católicos portugueses foram a Roma mais para lutar os benefícios espirituais da Santa Sé do que para gozar o tambem grato prazer da visita turística á grande metropole do Catholicismo, dissertou largamente sobre a formidavel obra de propaganda dos apóstolos e sobre a influencia da fé que os encorajou a ponto de transformarem em força invencivel a sua humana fraqueza, a ponto de fazerem da religião da cadeira de S. Pedro o tronco mais respeitador de todas as posteadas da terra.

Aludindo ao aprumo com que todos os peregrinos submeram conduzir-se, afirmou que Pio XI se declarou comovido ao presenciar o espirito de piedade dos portugueses, e que o mesmo aconteceu com todos quantos em Roma tiveram occasião de observar a compostura inalteravel dos romeiros.

O venerando prelado, cujo estado de saúde é ainda precario, em consequencia do enorme trabalho que lhe para acompanhar a peregrinação, agradeceu por fim, todas as provas de carinho de que foi alvo quando da trabalhososa viagem, e, declarando-se impossibilitado de proseguir, por falta de forças físicas, abençoou, chorando, todos os fieis presentes.

Seguidamente deu-se inicio ao "Te-Deum," que está sendo cantado á hora de fecharmos a noticia. O vasto templo está concorridissimo.

A PROXIMA SEMANA

no «Bal-Tabarin»

Vão iniciar-se na proxima semana no Bal-Tabarin, da rua da Gloria, espectaculos sensacionais, para o que o seu proprietario foi ha dias a Sevilla comitar excelentes artistas que vão causar enorme sensação ao publico de Lisboa.

Quem não ouviu o encantadora tonadillera Lucrecia Torralba, pôde ainda apreciar os seus interessantes couplets, pois está dando os seus ultimos espectaculos, assim como a insistentemente bailarina Luiza Real.

O baile tem estado animadissimo, começando, assim como as sessões de variedades, ás nove horas da noite.

Carlos Moura-Carvalho João Emauz Leite Ribeiro ADVOGADOS Rua Aurea, 50, 1.º A' venda

Agua's passadas por Silva Tavares o poeta do QUEM CANTA...

NO LICEU CAMÕES

O Congresso democratico decorreu sem agitação nem interesse...

A's 14 horas na sala ha um ramo de flores, bastante desconclador, e, divergendo theorias acerca da verdadeira posição do P. R. P. perante as suas responsabilidades—23 congressistas. Pouco depois anima, com figuras da provincia, que nós doscohecemos, mas que vivenciam o interesse verdadeiro deste congresso, no qual estão inscritos 2.700 nomes, devendo tomar parte esta tarde nos trabalhos pelo menos mil.

Não ha ambiente pesado. Esta sessão tem todo o ar de ser em pazcat, com saudações e a satisfação convicita que assiste aos triunfadores. Figuras marcantes—nenhuma.

—Está aberta a sessão!—clama o sr. dr. Alfredo Guizado, presidente. —Viva a Republica!—gritam da sala. (Manifestações).

Na mesa, ao lado do presidente, ficam representantes do Porto, de Coimbra, de Tavira.

—Como presidente da comissão politica do P. R. P., de Lisboa, cabe-me abrir a sessão... São as palavras primeiras do orador, que espera que o Congresso corra com elevação (apoios), e que, referindo-se aos adversarios do P. P., republicanos e monarchicos, diz que estes atiram contra o partido a «metralha da intriga».

Adeante diz que o «engraçado movimento de 18 de Abril» tinha sido o proposito de destruir a Republica. Esta afirmação vae ao orador-presidente uma grande ovação, vivas ao Partido e á Republica.

—Os movimentos militaristas, como o ultimo, tornam-se possiveis, devo confessal-o desdramatadamente, pela almofeira de desunio que nós proprios oferecemos, mais ou menos claramente. (Apoios). E preciso acabar com a tão discutida lenda das direitas e das esquerdas (palmas), e que ponhamos os olhos nos principios do partido e deles nunca nos afastemos!

Apoios vibrantes e repetidos. Palmas e apertes de apoio.

—Diz-se que a desorientação do partido nas camadas baixas, não é senão um reflexo da desorientação nas camadas altas. (Apoios entusiasticos). Se é assim, as camadas baixas têm de saber impor aos homens de cima os principios da nossa lei organica... (Apoios absolutos). Começa a surpreender-se na assembleia o desejo de acabar com directas e exequatas.

A moção do presidente é naquelo sentido, e tem duas conclusões: 1.º saudar os membros do Partido que nunca se afastaram da disciplina, e 2.º convidar os que se afastaram dos principios a regressarem a elles.

A saudação ao Chefe do Estado é vibrantemente acolhida, estando todos de pé. Mas quando a assembleia se toma de louco entusiasmo é quando o sr. dr. Guizado propõe um voto de louvor aos parlamentares do Estado, mas só aqueles que têm sabido cumprir o seu dever.

É significativa a manifestação da assembleia, que a seguir lembra, comovidamente, o nome de João Chagas.

Com um viva á Republica termina o discurso do sr. dr. Guizado. E diz-se na sala um silencio de dois minutos pelos republicanos que morreram depois do ultimo Congresso.

Depois vai um voto, por praxe, e frouxamente apoiado, ao Directorio do Partido.

O sr. João Camoes propõe uma saudação ao sr. dr. Antonio José de Almeida. Faz o seu elogio. Refere-se á escolha, por parte do governo, do eminente português para o cargo da administração da C. P., que classifica de justiça republicana. A assembleia apoia com palmas e de pé.

O sr. Baptista Diniz evoca o nome de França Borges, e convida o Congresso da Republica a olhar a sério para a situação da vivia e dos filhos do saudoso republicano, «mais do que nenhum outro, preparador da Republica em Portugal».

O sr. Pereira Osorio, senador, dá explicação dizendo que o Senado já se occupou deste assunto. Um orador, simples e despretencioso, o sr. Manuel de Campos, pede a uniao de todos os republicanos, e é apoiado pela sala, ainda que nas primeiras filas haja sorrisos para a sua exuberante oração.

O sr. Eduardo Sousa lê uma moção que diz do sentimento da assembleia pelas victimas do 18 de Abril. O sr. João Pedro dos Santos saudou os estralhadores de Portugal, que se têm batido pela Republica.

Nesta altura, um intervalo de risota: um orador pede já a palavra para a sessão da noite. Hilariedade. Segue um orador, o sr. Egídio Marques, que se refere á educação retrograda das escolas superiores. E manda uma moção para a mesa, em que emite o voto de que a Republica acabe com este estado de cousas, assegurando o ensino aos pobres.

O sr. Almeida Santos lembra que se propoem nas proximas eleições os srs. Antonio José de Almeida, Bernardino Machado e Paulo Falcão. O sr. Gomes Belo fala sobre instrução e educação popular, e levanta um viva ideologico aos principios do P. R. P.

O sr. José Seabra diz coisas, certamente justas, mas que não chegam até nós. A sessão prossegue, ás 16.30, neste ambiente de calma e saudação.

A's 16 e meia faz-se na sala um borborinho, por motivo de—diz-se—estarem presentes pessoas que não são congressistas. O presidente pede ordem; sai muita gente de roldão, a discutir, para o pateo, e o sr. José Seabra, que fala ha vinte minutos, continua a falar, fazendo agora o elogio do sr. Rodrigo Rodrigues, e tocando casos pessoais. É um homem que não tem papas na lingua, mas não aumenta a elevação com que o sr. presidente deseja que corra o Congresso. Fala com bom e mau humor, a um tempo, e isto provoca ora palmas ora risos.

Um fraco saudação: —O sr. Antonio da Fonseca, ministro de Portugal em Paris, veio com o sr. Cunha Leal—presidir áquella funcunata de 18 de abril... E desfia acusações privadas a este e áquelle. Continuas ás 17 menos um quarto. A sala está em plena convensa, mas em todo o caso aplaudindo as queixas do orador.

Nesta altura entram na sala alguns membros do governo e do directorio, convidados três vezes, pela presidencia, a ocupar os seus lugares. Estão na sala os srs. Ramos de Miranda, Pestana Junior, Antonio Maria da Silva, Herculano Galhardo e Pereira Osorio. Não ha palmas. O sr. José Serbra continua o seu discurso.

Chega o sr. Correia Barreto, que declara, cotando a palavra do sr. José Seabra: —Sua excellencia o sr. Presidente da Republica agradece a manifestação do Congresso, e orgulha-se do apoio que lhe dispensa o Partido Republicano Português, que elle considera «a espinha dorsal da Republica».

E segue a falar o sr. José Seabra. Já está a sala cheia de elementos de prestigio.

PELA POLITICA

QUAL

vae ser a nova orientação do congresso do P. R. P.

A politica de hoje limitase ao Congresso do P. R. P. e á sua inauguração. Estivemos lá e quando lá estivemos lá a respectiva inactidão em 3555 cartões passados, havendo na sala uns quinhentos congressistas. Amanhã, domingo, a concorrencia será maior, e tudo leva a crer que atinja os dois mil. Muitos parlamentares: Joaquim Ribeiro, Tavares de Carvalho, Augusto Nobre, Correia Barreto, Silva Barreto, Ramos da Miranda, Carlos Pereira, Costa Junior, Cortez dos Santos, Artur Costa, Antonio Pais, Sousa Coutinho, Agatão Lancha, os ministros da Agricultura e da Instrução, o presidente da Commissão de Executiva, sr. Marques da Costa, e muitos outros. Isto antes da abertura da sessão.

Ha grupos onde se discute a orientação do Congresso. Tomámos nota das seguintes opiniões: —Vamos ter um Congresso socegado e digno como convenia á gravidade do momento que passa.

—Quizeram intrigar-nos e quizeram dividir-nos. Não conseguiram nem uma coisa nem outra. Somos a maior força da Republica.

A um canho da sala, o cravo rubro que avermelha a lapela do sr. dr. Carlos Pereira parece uma mancha de sangue sobre um grande ponto negro de interrogação. O foyoso parlamentar blagueia, sorri-se, e vai fazendo politica, que talvez seja das escuridas, mas que elle confessa que é apenas do P. R. P.

Uma voz prida no grupo: —Que é isso de "bonzos"? "Bonzos" são aqueles que na hora do perigo não sabem dar o contróllo ao manifesto. Cá por mim, conheço "canhoitos" que são "bonzos" e "bonzos" que são "canhoitos-simos". O que é preciso é uniao á Republica.

Houve aplausos. Como estavam ainda longe do começo da sessão, registamos, não deve ser, ao que se nos nota, União partidaria, uniao parlamentar, uniao republicana.

O sr. dr. Joaquim Ribeiro: —Se eu posso continuar lavrador e democratico, fico no partido. Agora, se não ha o respeito, pela propriedade, pelo passado social, pelas garantias da familia, não temos nada feito.

O sr. dr. Marinho Costa: —Parece que a barufada das correntes partidarias é maior hoje do que se o congresso se tivesse realizado outro dia.

As noticias para o estrangeiro Não é verdade que a policia tenha encontrado qualquer responsabilidade ao sr. Adolfo Vieira da Rosa, director da "United Press", no caso das noticias falsas enviadas para o estrangeiro.

Festa de confraternização

Em 13 de Junho proximo, que num dos trabalhos de Lisboa, se realizou o raro dramatico e musical incluido no programa da festa de confraternização da associaçao da Politecnica nos cursos de 1901 a 1907.

Toda a escola de musica, que corre, se realizara nos parcos taito de accao, que corre, se realizara na quinta feira, 28 e no sabado, 30, ás 9 horas, nos dias de hoje, a obra do revista "O Chá de Toluca", devendo na proxima semana fazer-se a lição de poema e musica. A hora tem ensaio geral em 29, sexta-feira, á mesma hora.

"LA FEMME DE DEMAIN"

ATELIER DE VESTIDOS PARA SENHORA E CRIANÇAS Preços modicos Telef. N. 1904 R. Souza Martins, 14, 2.º, F. (Ao Matacovo)

MARIO MONTEIRO

ADVOCADO COM GENTES NO BRASIL Consultas das 10 ás 12 das 15 ás 12 R. DOS FANQUEIROS, 114